



Décimas

Mote:

Quem prende a água que corre

É por si próprio enganado.

O ribeirinho não morre

Vai correr por outro lado.

António Aleixo

“O VENTO, O RIO E O MAR”

Da montanha desce o vento

Trazendo da cumeada

De frieza e de lamento

Cantada a todo o momento.

O vento o vale percorre,

Gela o orvalho que escorre

E represa a madrugada,

Como faz a tapada

Quem prende a água que corre.

Por fim o vento adormece,

A manhã foge discreta;

Gorjeia, brinca, liberta

Vivas ao sol que aparece;

1º Prémio



Tudo o que é vida floresce;
Queda-se um rio no prado,
Deleita-se inebriado
Com mil seres e neblina;
Cuida que o curso termina,
É por si próprio enganado.
Riachos endiabrados
Fogem por entre os ulmeiros,
Juntam-se a doidos ribeiros,
E traquinas, azougados,
Lançam-se ao rio abraçados...
A brisa amena discorre,
Avisa o rio que corre, Avisa o rio que corre:
«Há um ribeiro perdido!»
Volve o rio esclarecido:
«O ribeirinho não morre!»

Voluptuoso caudal
Serpenteia p'la planície,
Arrastando à superfície
Todo o sonho fluvial
(Chegar ao mar colossal).
Num local aprimorado
Cava a foz atarefado;

1º Prémio



Ouve o mar fora de si:

«Não quero a foz por aí,

Vai correr por outro lado!...»